

EXPEDIÇÃO DEMENE/ RETRANCA "ITAÚBA" -DE GABRIEL NOGUEIRA, COM FOTOS/TODAS AS CÓPIAS PARA TONICA, AMBIENTE/AE

NOVO AIRÃO (AM) - A ocupação sem planejamento do município de Novo Airão, localizado na margem direita do Rio Negro, a oito horas de barco de Manaus (uma hora e meia em avião pequeno), está acabando com a sua principal riqueza natural, a itaúba (Mezilaurus itauba), árvore usada na fabricação de embarcações. Os 22 estaleiros de Novo Airão, considerados os melhores da Amazônia, geram os mais bem pagos empregos da cidade e produzem cerca de 50 barcos de médio e grande porte por ano. Só no casco de cada embarcação de médio porte (20 metros), são utilizadas em média 30 árvores de itaúba. Os maiores barcos chegam a custar Cr\$ 80 milhões.

Penúltima cidade antes da área preservada do Rio Demene, Novo Airão é o exemplo de como o desenvolvimento da Amazônia não deve ser feito, segundo Evaristo Eduardo de Miranda, do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA/Embrapa), que coordenou o projeto de zoneamento econômico-ecológico da área do Rio Demene.

Numa iniciativa da Agência Estado, o zoneamento da região, que compreende 16 sistemas ecológicos distintos, está sendo feito pelo NMA-Embrapa e Universidade Paulista (Unip)/Objetivo. O objetivo é demonstrar que a Amazônia pode ser ocupada com baixo impacto ambiental.

Se antes encontravam itaúba em abundância nas matas que cercam a cidade, os madeireiros agora precisam se internar cada vez mais na floresta para cortar este tipo de árvore. Essa devastação está sendo incentivada pelo prefeito Wilson Pereira dos Santos (PDC), que tem como principal obra de seu governo uma estrada ligando Novo Airão a Manaus. Dos 105 quilômetros projetados, 60 já foram abertos. Toda madeira retirada é comprada pela prefeitura. "Tem madeira de sobra e a estrada vai beneficiar seis municípios", argumenta o prefeito.

A profissão de carpinteiro e artífice naval foi introduzida nesta região em 1914, pela primeira Missão Salesiana. Antes, os índios da região construíam suas canoas usando apenas um grande tronco de itaúba. Hoje, apenas um agrupamento de 37 índios baniwa, do grupo orôdone, vindos do Rio Içano (um afluente da margem direita do Rio Negro) e instalados na localidade de Pai Raimundo, na margem do Rio Demene, ainda mantém a técnica de construção de canoas usando itaúba.

Mesmo depois do ofício deixar de ser ensinado na escola dos padres, a arte da construção de barcos passou a ser transmitida em família. O carpinteiro Alcebiades Rodrigues, 45 anos, aprendeu com o pai. Hoje, ao invés de ser empregado dos grandes estaleiros, prefere trabalhar por conta própria, fazendo canoas de sete a oito metros, pelas quais cobra uma média de Cr\$ 150 mil e gasta um mês de trabalho.

Nos estaleiros, um profissional de carpintaria ganha de quatro mil a seis mil cruzeiros por dia, mas só quando há encomendas. Os mais bem pagos, no entanto,

são os calafates, que têm a delicada tarefa de vedar todas as junções dos barcos. Um barco de 30 metros leva cerca de um mês para ser calafetado. Francisco Silva de Souza, o mestre calafate, cobra Cr\$ 1,2 milhão para vedar uma embarcação de 30 metros. Como mestre, fica com Cr\$ 400 mil e divide o restante com três ajudantes. Por ser um trabalho duro, há poucos profissionais "É preciso disposição", garante. Logo que acabasse o serviço que estava fazendo, mestre Francisco já tinha outro, no Rio Solimões.

Em 36 anos, desde que o antigo município, Velho Airão, foi abandonado por não permitir a construção de um cais para barcos de maior calado e estar na área de influência do Parque Nacional de Jaú -- o maior do país, com 2,272 milhões de quilômetros quadrados --, Novo Airão chegou a uma população de 21.728 habitantes, sete mil na área urbana. "O povo foi atraído para onde havia transporte, matéria-prima para suas embarcações e mais facilidades de vida", destaca o sociólogo Renato Cabral, coordenador da pesquisa sócio-econômica do NMA.

Ocupando uma área de 38.706 quilômetros quadrados, Novo Airão tem uma população pobre, que vive do parco extrativismo existente nas margens do Rio Negro. Com exceção dos 150 empregados da construção naval e 240 da prefeitura, que praticamente garantem todo o movimento do comércio, o resto da população (qual é a população do município,) se alimenta de farinha e da caça e peixe que consegue pegar. "O caboclo não tem como respeitar animais. Ele não vai morrer de fome", diz o prefeito, para explicar a caça de antas, veados e a pesca de peixes-boi.

BOX ALTERNATIVAS - IITAUBA- DE GABRIEL NOGUEIRA

NOVO AIRÃO (AM) - Encontrar alternativas para o desenvolvimento, aproveitando os seus potenciais, é o que Novo Airão precisa para sair de uma economia dependente das verbas da prefeitura e dos estaleiros, analisa o sociólogo Renato Cabral. Os estaleiros fabricam apenas os cascos dos barcos, enquanto a instalação de maquinários, acabamento de cabines, etc, que consomem mais de 80% do valor final da embarcação.

O prefeito de Novo Airão, Wilson Pereira dos Santos, planeja trazer para a cidade uma escola de construção naval. "Um barco grande sai por Cr\$ 80 milhões e cabe a nós uma parte ínfima", reclama o prefeito. Santos acredita que uma indústria naval desenvolvida na cidade geraria dois mil empregos e poderia testar materiais alternativos à madeira da itaúba, hoje escassa, como a fibra de vidro e mesmo chapas de aço.

fim